

## FRAGMENTOS SONOROS DA CIDADE DE DIAMANTINA

### *SONOROUS FRAGMENTS OF DIAMANTINA'S CITY*

*Júlio César de Oliveira*<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

Este artigo interpreta a construção das paisagens sonoras presentes no romance *O Hóspede* de Aristides Rabello como crítica ao projeto de modernização de Diamantina empreendido no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Destaca a importância das transformações sonoras para a compreensão das novas sensibilidades constituídas nas cidades modernas.

**Palavras-chave:** cidade, paisagens sonoras, literatura.

#### **Abstrat:**

This article interprets the construction of soundscapes present in the Aristides Rabello's novel *O Hóspede* as critical of the modernization project of Diamantina undertaken in the late nineteenth and early decades of the twentieth century. Stresses the importance of sound processing for understanding the new sensibilities formed in modern cities.

**Keywords:** city, soundscapes, literature.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela PUC/SP. Professor da Universidade de Uberaba. E-mail: juopai@yahoo.com.br

A eclosão de pesquisas sobre as novas sensibilidades relacionadas à modernidade construiu uma pluralidade de olhares que recaíram sobre a cidade, focalizando-a de diferentes ângulos. No entanto, percebe-se que um número expressivo destes trabalhos priorizou em suas reflexões a importância do olhar, relegando ao esquecimento, ou a um segundo plano, a polifonia existente na urbe e, por conseguinte, das paisagens sonoras que constituem o imaginário social.

Diante das posições que, ao refletirem sobre a cidade, enfatizam a experiência do olhar em detrimento da audição, há que se indagar: podem as cidades serem “lidas” por intermédio de sua polifonia? Qual a relação entre os homens e os sons de seu ambiente? O que acontece quando esses sons se modificam?

Neste artigo, interpreto o romance *O Hóspede*, de Aristides Rabello, como ficção que registrou e projetou os efeitos do processo de modernização em curso na cidade de Diamantina no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Por meio de sua sensibilidade romântica e da sua exaltação à polifonia dos sons da natureza e das atividades cotidianas dos moradores de Diamantina podemos acompanhar as lutas de representação travadas entre uma modernida-

de anunciada e desejada, de um lado, e de outro lado experimentada ou temida como uma força desestabilizadora e desagregadora.

Ao utilizar a literatura como fonte documental levou-se em consideração que ela não se constitui numa mera ferramenta com a qual se engendra idéias ou mesmo fantasias com a finalidade de instruir e deleitar o público. Mas, antes, como uma linguagem complexa que tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo. A literatura não se refere apenas ao seu tempo vivido, mas também propõe outras realidades, constrói projetos mantendo uma relação tensa de intercâmbio e de confrontação com os processos sociais (SEVCENKO, 1985).

Na obra *O Hóspede*, Aristides Rabello<sup>2</sup> narra o desvario das elites de Diamantina em conduzir a cidade, no limiar da República, à modernidade por meio da estrada de ferro, da colonização estrangeira e do capital monopolista na mineração. Quanto ao momento histórico recortado pelo autor, cabe lembrar que ele foi

---

<sup>2</sup> O romance *O Hóspede*, Aristides Rabello, foi editado pela primeira vez em 1921. A edição à qual nos reportamos é possivelmente da década de 1970 (sem data), realizada pelo Conselho Estadual de Minas Gerais, com apresentação de Aires da Mata Machado Filho. Aristides Rabello (1886-1941) foi médico, romancista e jornalista; publicou, além de *O Hóspede*, *Sonata ao luar*, *O mistério do dominó* e diversos trabalhos científicos relacionados à oftalmologia.

marcado pela crise do diamante iniciada, em 1870, com a abertura das minas da África do Sul. Os estilhaços dessa crise fizeram com que se alinhassem em um mesmo projeto de cunho “progressista” e “civilizador” as elites da região que, por meio de programas econômicos e políticos, buscaram uma redefinição da economia regional.

Atônitos com a crise do diamante, os proprietários organizaram um programa industrial que exigia do Estado uma política de apoio à industrialização do Norte mineiro.<sup>3</sup> Nesse contexto, as elites de Diamantina extasiavam-se com a chegada do capital estrangeiro no setor de mineração destacando-se, em particular presença da Brazilian Dredging Company de Nova York, que tinha como preposto William G. Meyer, conhecido na cidade como o “Rei dos Diamantes” (SOUZA, 1993).

Presente em Diamantina desde 1901, Meyer sonhava maravilhas com a riqueza de Diamantina e queria vê-la uma cidade “decente”. Ou seja, o espaço construído para ele não tinha qualquer importância -

<sup>3</sup>A partir do projeto industrial elaborado pelos proprietários, desenvolveu-se a industrialização do algodão com a criação da fábrica do Biribiri, de Santa Bárbara, de São Roberto, da Perpétua, da Conceição, de Itinga e de Montes Claros. Além das pequenas oficinas de sapatos, de cigarros, de foguetes e de ourives, também se desenvolveu na região a lapidação, a siderurgia, a metalurgia e as indústrias de couros, cervejas, vinhos e chapéus (FERNANDES, 2001).

mudava-se, construía-se outro: “Implicou com a topografia da cidade e mandou estudar um lugar pouco abaixo das Bicas para erguer uma nova Diamantina, chegando mesmo a mandar cavar alicerces para futuros edifícios” (COUTO, 1954, p.164).

No âmbito social observa-se, a partir desse período, que a Diocese passou a interferir no cotidiano da cidade, tentando moralizar os costumes e eliminar do seio das manifestações culturais de cunho popular as “superstições” e os cultos por ela considerados “pagaões”. Temendo a expansão da ociosidade no município percebe-se a implantação e a consequente profissionalização das escolas noturnas na cidade. Nesses educandários, os homens eram preparados para o universo do trabalho por meio dos liceus de artes e ofícios e escolas normais, enquanto as mulheres, por intermédio de disciplinas específicas, eram ensinadas a bordar, costurar e, por conseguinte, preparadas para serem boas esposas e administradoras do lar (SOUZA, 1993).

Reportando-se a esse período histórico, sucintamente exposto, Rabello, descreve em sua obra o fato de a cidade engalanar-se para receber um hóspede que, devido à vida boêmia vivida no Rio de Janeiro, foi encaminhado pelo pai a Diamantina com o objeti-

vo de afastá-lo temporariamente da vida estróina e das más companhias. Nessa trama, construída a partir da expectativa e da conseqüente chegada do forasteiro, o autor deixa entrever que o boêmio e forasteiro originário do Rio de Janeiro eram o trem, a colonização estrangeira e o capital monopolista na mineração. A moça que o aguardava curiosa e ansiosamente para, posteriormente, viver com ele um conturbado caso de amor, era a cidade de Diamantina.

Nesse sentido, *O Hóspede* deixa transparecer a preocupação do autor com as questões atinentes à nacionalidade e à reforma social a ser implantada no país. Inconformado com a realidade que o cercava, Rabello, de forma irônica e sarcástica, denunciou a presença incômoda do capital monopolista estrangeiro, o crescimento desordenado dos centros urbanos, a proliferação das submoradias e o conceito de civilização almejado pelas elites locais e nacionais.

Outro aspecto captado pela sensibilidade do autor em relação ao seu tempo e, por conseguinte, no imaginário das elites, refere-se ao modelo de cidade a ser “imitada” por Diamantina. Nesse sentido, as discussões por elas realizadas giram em torno de duas cidades consideradas “civilizadas”: São Paulo e Rio

de Janeiro. Quanto à primeira, Rabello observa que ela atraía os jovens e “modernos” por estar repleta de “casas bonitas” e “bondes elétricos”. No que tange à segunda, que se transformava no maior centro cosmopolita do país, alinhando-se com padrões culturais e econômicos da sociedade européia, ele insinua que ela fascinava os adeptos da modernidade por também possuir um encanto proveniente dos seus aspectos naturais. Porém, observa o autor, para os diamantinenses descrentes do modelo de civilização e de modernidade a ser implantado em Diamantina, nenhuma dessas cidades, devido ao processo de imigração, reunia, como na cidade mineira, habitantes originários do mesmo solo e do mesmo processo histórico. Por isso, para eles esses centros urbanos não passavam de um aglomerado de casas aonde circulavam diversos seres humanos.

Descrevendo os diversos costumes e práticas das tradicionais famílias diamantinenses, o autor percebe que alguns eram peculiares às demais cidades do interior. As elites educavam diferentemente os filhos homens, isto é, uns viviam a vida local em função do bilhar, do namoro e da caçada. Alguns iam estudar no Rio de Janeiro e São Paulo e voltavam maravilhados com a civilização, enquanto outros eram educados no interior do Seminário Episcopal.

Projetando uma modernidade como um perigo que poderia trazer consigo o desaparecimento, a transformação e o esquecimento das sonoridades de Diamantina, Rabello, por meio de uma escrita leve e fluente, descreve os pequenos detalhes do cotidiano, enfatizando os pormenores da paisagem natural e sonora da cidade.

Para Machado Filho, o fato de o autor deter-se a esses pormenores, contribuiu para “afrouxar” a trama do romance e, por extensão, para quebrar-lhe o ritmo e a intensidade. Segundo ele, essa opção do autor deve-se à forte influência do romantismo sobre sua obra.

A ânsia de aproveitar todo material, visivelmente copioso e rico, fez com que se perdesse em pormenores pitorescos. Essa vegetação parasitária afrouxa às vezes a trama do romance. Prejudica-lhe a intensidade, mesmo quando a interessantíssima figura de Amália toma conta do livro. Em compensação, dá matéria a s cenas típicas e a situações curiosas.

Aliás, tem-se a impressão de que o autor deu mais apreço aos aspectos exteriores do ambiente do que ao elemento humano que o anima. Daí o amoroso empenho na descrição de paisagens e rasgos da nature-

za, feitas à moda romântica, de modo que a simples sugestão pelo traço saliente não lograsse dar idéia daqueles sítios queridos (MACHADO FILHO apud RABELLO, 1970, p. 02).

Atento à observação de cunho literário tecida pelo memorialista, qual seja, que o autor, por pertencer ou ser influenciado pela “escola” romântica, limitou-se a “descrever” a paisagem natural da cidade e região à moda romântica, deve-se salientar alguns aspectos. Primeiramente, que a obra de Rabello caracteriza-se como a de diversos escritores românticos pela valorização da natureza, concebida de forma idealizada e dinâmica - ao contrário da natureza estática do arcadismo -, cujos exemplos podem ser encontrados tanto nas obras de Gonçalves Dias como nas de José de Alencar.

Ao se analisar *O Hóspede*, deve-se ponderar, especificamente nas nações recém-independentes, que exaltar a natureza constituía-se para os autores românticos em uma prática diretamente vinculada ao processo de afirmação nacional. Nesse contexto, tudo aquilo que possuía uma dimensão natural adquiria eficácia ideológica, daí a fauna e a flora tornarem símbolos de uma virtualidade, qual seja, o Brasil poderia vir a ser, com a majestade de sua natureza, uma espécie de paraíso futuro.

Dessa forma, percebe-se que a exaltação à natureza realizada pelos românticos e, por extensão, por Rabello, possui outra função, que não se esgota apenas no plano da descrição ambiental, isto é, seu objetivo era o de elevar, pela natureza, a própria nacionalidade (CITELLI, 1993, p. 79-80). Nessa perspectiva, torna-se instigante observar que o autor, ao invés de retratar a presença opressiva dos ícones da modernidade existente em outras localidades e/ou nações, descrevendo as fábricas, as condições de trabalho e as diversas sonoridades provenientes das máquinas e dos artefatos a elas inerentes, optou, como forma de resistência e de denúncia, por descrever os sons da natureza.

Nesse sentido, observa-se, de um lado, que ela encontra-se em consonância com a concepção rousseauiana, que considerava o mundo presente e urbano algo contaminador da alma humana, enquanto a primitividade natural teria a força de resgatar os desca-minhos do indivíduo (CITELLI, 1993, p. 79-80). De outro lado, percebe-se que ela deixa transparecer que a principal riqueza da cidade e da pátria ameaçada pela modernidade, residia em sua natureza e na sua forte base agrária, sendo, portanto, necessário discutir a vocação agrícola nacional e local:

[...] Você disse que a estrada de ferro civilizaria Diamantina, e eu não fiz mais do que mostrar o meu desprezo por esta espécie de civilização; como brasileiro, desejo o povoamento do solo, por ser um dos bons meios de fazer andar a lavoura; como diamantinense, porém, desejo que nossa terra escape, como até hoje tem escapado, à invasão destes bárbaros europeus que, aonde chegam, fazem desaparecer as boas qualidades morais de uma cidade, tiram-lhe a cor, confundem-lhe o caráter... [...] Diamantina oferece o encanto da roça, do sossego, da tranqüilidade (RABELLO, 1970, p. 48-49).

Mediante esse quadro, torna-se igualmente interessante observar que Rabello, assim como outros autores românticos, além de condenar a cultura capitalista - por concebê-la como nefasta e opressiva -, exaltar o viver próximo à natureza, também enfatizou, por meio de sua obra, as manifestações de cunho popular que, naquele momento histórico, encontravam-se asfixiadas pelos ditames da diocese. Nesse contexto, nitidamente marcado pela exaltação e condenação, emerge no interior de *O Hóspede* uma visão de povo, concebido como comunitário e orgânico, que visa ao mesmo tempo encontrar a origem do que foi perdido e resgatar a tradição, o passado, contra o avanço da modernidade.

Sobre essa postura perceptível na obra de Rabello e, por conseguinte, nas de outros autores românticos, observa-se:

Contra o progresso capitalista, valorizam o passado, a língua original de um povo, seus costumes [...] Traços vistos como uma totalidade orgânica indispensável para a afirmação da identidade de uma nação, sobretudo, frente às ações imperialistas, que contaminam e desvirtuam as culturas nacionais, concebidas e representadas como devendo ser autênticas e originais (BORGES, 2001, p.80).

Nessa perspectiva, a obra de Rabello torna-se ainda mais instigante pelo fato de o autor, além de retratar a natureza, enfatizar os seus sons fundamentais: os sons provenientes das águas, dos ventos, dos pássaros, dos insetos e dos animais.<sup>4</sup> Ao destacar esses sons, o autor sutilmente nos induz a pensar, entre outras, três questões. Primeiramente, que a linguagem e/ou canto

<sup>4</sup> Quanto aos sons fundamentais, cabe destacar que eles tanto podem ser criados pelos elementos da natureza, como pelas máquinas de combustão interna, tais como carros, motocicletas, cortadores de grama, entre outros. Atendo-se aos sons produzidos pelos modernos artefatos de combustão interna, observa-se que eles constituem-se no som fundamental da civilização contemporânea, assim como a água e o vento foram, respectivamente, os sons fundamentais da civilização talassocrática e das estepes (SHAFER, 1992).

dos pássaros produziam um som nativo tão marcante quanto a língua dos homens que viviam em Diamantina e no Brasil.<sup>5</sup> Segundo, que a polifonia dos insetos, dos pássaros e dos ventos, constituíam-se em calendários acústicos pelos quais os lavradores sabiam o tempo certo de plantar e colher. Por fim, que o ser humano, como observa Deleuze e Guattari, ao se sentir hostilizado e inseguro, sempre recorre aos sons fundamentais da natureza para protegê-lo contra toda e qualquer forma de agressão (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 116).

Tendo por norte essas questões pode-se, pelo entrecruzamento entre o olhar e audição, apreender alguns fragmentos sonoros que marcaram a paisagem sonora de Diamantina. Segundo o autor, dos fundos das casas, além dos anexos, destacavam-se os quintais, cercados por muros de bambus a pique, repletos de árvores frutíferas e ervas medicinais. Nesses territórios, ouvia-se, em todas as estações do ano, uma sinfonia proveniente do chilrear de diversos pássaros, entre eles, os piados

<sup>5</sup> Diversos estudos refletem sobre os fenômenos etológicos, em particular os relacionados aos comportamentos e aos cantos dos pássaros. Neste sentido, pode se pensar comportamentos humanos com os mesmo dispositivos com se que pensa os dos sabiás, coelhos ou macacos, haja vista que todos são animais territoriais e, por extensão, não existem tantas diferenças e distâncias entre os seus modos de comunicar e musicar (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

dos passarinhos vulgares e o trino brejeiro da garrincha. Nesses espaços, os sons dos grilos e das cigarras produziam estrídulos raspando uma parte de sua anatomia sobre a outra, tendo como resultado desse contínuo raspar um rumor rico em sons harmônicos.

Entremeados à sonoridade produzida pelas cigarras que anunciavam a chegada da chuva, estavam os diversos zumbidos produzidos por marimbondos e abelhas. Nesses mesmos locais, onde cada animal tinha seus próprios sons e silêncios ao despertar e ao repousar, os cachorros denunciavam, por meio de seus latidos, a invasão da propriedade. A chegada de alguém era percebida pelo grasnado onipresente dos patos, assim como, pelo ranger sem alarde dos portões.

Entretanto, à noite, no período das águas, ouvia-se desses quintais e das grandes poças d'água que se formavam ao lado do Seminário, a reverberação de uma orquestra composta pelo lamúrio da rã-de-boca-estreita, o latido do sapo-cachorro, o assobio das rãs saltadoras, o trinado do sapo grilo-do-brejo, os sons de guizo do sapo-do-campo, o ronco do sapo-roedor e o arrote do sapo-boi. Também à noite, devido ao silêncio das ruas e casas, escutava-se o tamborilar monótono e tranquilizador da chuva que, insistentemente, batia nos telhados, nas copas das árvores e nas torres das igrejas,

para logo em seguida, escorrer lenta e inexoravelmente pelo dorso dos rochedos e das ruas. Nesses instantes de chuva, percebiam-se nos homens da cidade as mais diferentes reações. Alguns desafiavam a chuva e a sua respectiva melodia procurando fora de seus lares algo “interessante” para passar o tempo. Outros cediam ao convite sonoro e monótono das águas que copiosamente caíam sobre os telhados, às árvores e as torres para entregarem-se ao sono reparador.<sup>6</sup>

Nos momentos de tempestades, o suave tamborilar da chuva serena era, rapidamente, substituído pelos estalidos desiguais provocados pelos grossos pingos de água que perfuravam a terra e se alojavam em pequenas poças perdidas nos fundos dos vales, quintais e da memória. Quando as tempestades se faziam acompanhar por trovões próximos ou longínquos, ouviam-se gemidos, ecos e vociferações apavorantes provocadas pelos estalidos provenientes das trovoadas e dos raios.

<sup>6</sup> Ao se refletir sobre a polifonia das cidades, deve-se levar em consideração os conceitos hi-fi (alta fidelidade) e lo-fi (baixa fidelidade). A paisagem sonora hi-fi possibilita, devido ao baixo nível de ruído ambiental, ouvir-se os sons com mais clareza. Mediante esta realidade observa-se que o campo é mais hi-fi que a cidade, a noite mais do que o dia, os tempos antigos mais que os modernos. Em uma paisagem sonora lo-fi, os sinais acústicos individuais são constantemente obscurecidos em população de sons superdensa, isto é, o som translúcido como, por exemplo, um sino de igreja é “mascarado” pela ampla faixa de ruído (SCHAFFER, 1992).



Nessas ocasiões, em que a terra toda parecia estremecer, fazendo cindir as montanhas, diversos homens tomados de medo e apreensão lembravam, ao mesmo tempo, dos seus pecados e das antigas profecias que os advertiam que o fim do mundo seria percebido por eles por meio da audição, isto é, por meio de um forte estrondo. Diante dessa possibilidade, refugiavam no interior das grutas, igrejas, casas e no silêncio das orações, avaliando, por intermédio delas ou das conversas com familiares e amigos suas respectivas vidas.

Também compunha o quadro fragmentado e disperso dos sons fundamentais da cidade o comportamento errante e equívoco dos ventos, cuja sonoridade foi sempre imaginada pelos homens como ilusória, caprichosa e, por vezes, destrutiva. Os fortes ventos oriundos do quadrante norte - dos quais falara Saint-Hilaire (SAINT-HILAIRE, 1974) - eram responsáveis, no decorrer dos meses de outubro e novembro, por impregnarem o céu e o ambiente com o seu rugir frenético e desvairado, capazes de vergar as árvores e de extrair delas diversas variações vocálicas. Ou seja, ao perpassar do vento, as jabuticabeiras soluçavam e gemiam, ao mesmo tempo em que dançavam; as la-

ranjeiras assobiavam enquanto lutavam consigo mesmas; os pessegueiros sibilavam em meio ao vendaval; as bananeiras farfalhavam enquanto suas folhas lisas e grossas subiam e desciam ao sabor do vento.

Nas tardes preguiçosas que antecediam as chuvas, as folhas das árvores, os capins e as flores silvestres indicavam, por seu balançar lento e despretenso, a chegada do vento na forma suave e perene da brisa. Nessa oportunidade, o eterno chocalhar e farfalhar produzido por todos esses elementos constitutivos da natureza reverberava, chegando aos ouvidos de todos aqueles que na cidade circulavam, viviam ou se escondiam, como um lamento tênue, grave e ininterrupto.

Já não existia mais aquela nesga de azul, por onde o sol mostrara sorrateiramente a sua face, desprendendo-se a luz que tomara uma cor amarelada e frouxa: agora, todo oculto, não podia vencer a bruma parda-centa. O vento corria em lufadas intermitentes, fazendo a neblina tamborilar nas vidraças e insinuar-se por debaixo das portas (RABELLO, 1970, p. 13).

No ambiente silencioso das madrugadas molhadas pela chuva, ouviam-se os mais insignificantes sons que informavam e lembravam o percurso sonoro das

águas pertencentes ao córrego Rio Grande que, por meio de seus diversos acordes e línguas, cortavam o vale silente. Forjando sua trajetória entre pedras, suas águas trinavam vivamente, produzindo um som metálico de címbalos. Adentrando, lentamente, as cavernas, o riacho produzia um som cavo similar à explosão de um canhão distante. Em meio à planície, as águas do regato, rodopiando, sorvendo e deslizando para cima e para baixo, esboçavam um leve murmúrio.

E havia o grande silêncio de uma natureza recolhida, sem vozes de pássaros: e o marulhar longínquo do córrego Rio Grande, correndo encachoeirado por entre as pedras da serra, muito engrossado pelos aguaceiros, tinha uma melodia indecisa e grave (RABELLO, 1970, p. 13)

No entanto, a polifonia existente em Diamantina não se restringia somente aos sons fundamentais da natureza. Ela também trazia em seu âmago as marcas e os sinais acústicos expressos pela oralidade dos homens, assim como pelos diversos artefatos por eles utilizados.<sup>7</sup> Percebendo que a transformação, o desa-

<sup>7</sup> No que se refere aos sinais, verifica-se que eles são sons destacados e ouvidos conscientemente. Alguns destes sinais, tais como sirenes, sinos

parecimento e/ou o esquecimento dessa polifonia traria consigo o esfacelamento da identidade da cidade e, por conseguinte, mudanças drásticas no modo de vida de seus habitantes, Rabello observa que nas salas das residências mais humildes, invariavelmente, defrontava-se com potes d'água, tampados por pratos de ágata, tendo por suporte bancas mal pintadas.

Próximo aos potes, as famílias se reuniam para a prosa e as mucamas adormeciam as crianças, por meio da sonoridade de suas vozes, fosse rezando ave-marias ou contando histórias da carochinha. Na escuridão, na qual a vida ficava circunscrita aos pequenos lagos de luz de velas, os poderes da visão eram reduzidos e os ouvidos supersensibilizados. Nessas ocasiões, o ar palpitava com sutis vibrações de um estranho conto:

E que histórias bonitas! O lampião de querosene, morção e embaciado, dava à sala de jantar um aspecto lúgubre, propício para o medo e para o sono: e sempre as duas meninas adormeciam embaladas pela mono-

e apitos, constituem-se em recursos de avisos acústicos, que tanto podem anunciar um acontecimento aprazível e/ou catastrófico. No que tange à marca sonora, observa-se que ela se constitui num som da sociedade que seja único e/ou que possua determinadas qualidades que a tornem significativa e/ou notada pelos habitantes do local estudado (SCHAFER, 1992).

tonia dos contos muitas vezes repetidos, com que a boa Engrácia procura distraí-las.

Mas se, às vezes, Amália despertava no correr da noite, que suplício! Um medo estranho sufocava-a, um medo indefinível que lhe causava ilusões acústicas, a ponto do simples miar de um gato parecer-lhe o gemido de um moribundo (RABELLO, 1970, p. 23).

Em diversas residências, durante a realização das refeições, os gatos deitavam-se nos peitoris das janelas; nesses momentos era possível, ouvir-se do interior das casas os ruídos provenientes das asmas desses animais misturados aos zumbidos das moscas que se esforçavam por atravessar as vidraças ou que circunvagavam sobre a mesa, com avidez aguçada pelo odor dos temperos. Nas residências pertencentes às elites, ouvia-se nas noites de inverno, o súbito barulho dos pregos a se desprenderem das tábuas, a tosse insistente dos enfermos no fundo dos quartos e os profundos acordes emitidos pelos canos das chaminés.

Nos momentos de silêncio que denotavam a ausência da sonoridade masculina, algumas mulheres aproveitavam as horas molhadas e insípidas para o trabalho “edificante” e necessário dentro dos lares. Tendo por companhia o gotejar incessante da chuva sob os telha-

dos e o marulhar harmonioso das enxurradas que ecoavam interminavelmente nas ruas desertas, ouvia-se do interior das salas e quartos onde elas trabalhavam uma sonoridade áspera oriunda do contato da tesoura com os retalhos de chita. Desses espaços, também se escutava o ruído metálico proveniente do choque da tesoura que, de vez em quando, escorregava-lhes das mãos e caía sobre a tábua do móvel em que trabalhavam.

Nas festas religiosas, em particular na Festa do Divino ouvia-se, além da polifonia proveniente das músicas, a constante explosão de fogos e o crepitar das velas. Também compunha a sinfonia da festa os fragmentos sonoros oriundos das bocas que balbuciavam lamentos e preces, enquanto os pés sofregamente arrastavam-se pelo chão, obtendo deste, uma sonoridade seca e lamuriosa.

Costumeiramente, ecoavam pelas ruas e becos o badalar metálico e ruidoso dos sinos, fazendo com que os habitantes do “velho Tijuco” (Diamantina), em alguns momentos, sentissem mais dor do que prazer em ouvi-los. Em algumas ocasiões, os seus tons ameaçadores relembavam-lhes, insistentemente, as horas proféticas da criação e do apocalipse. Em outras oportunidades, capturavam os ouvidos da população com uma cadência chorosa e melodiosa, ora alta, ora baixa,

anunciando a hora da refeição ou a simples interrupção do hábito cotidiano de se ler o jornal.

Deixe de ciúmes, reverendo! E não se assuste que chegarei sempre a tempo - dizia Paulo; guardo o chapéu e o guarda-chuva a um canto. - o relógio do Carmo se ouve de longe, e de qualquer lugar em que eu esteja, virei correndo para encontrar o jantar quentinho e ter a honra - pôs a mão no ombro de Luís - de me assentar à mesa com um sacerdote.

Quando o relógio do Carmo soou as quatro horas da tarde, com aquela lentidão preguiçosa, antiga e secular, Américo, conforme o seu hábito, deixou a leitura do jornal do Comércio, procurou com os pés os chinelos que fugiram para longe, debaixo da mesa, e gritou alto, para os três caixeiros que despachavam a freguesia na loja: Vamos jantar! (RABELLO, 1970, p. 10).

Contrastando com a bulha dos sinos, estava o “som de prata, agudo e penetrante” dos clarins que, desde os tempos mais remotos, acordavam garimpeiros e escravos. O clarim tocado por pretos “hábeis” e de “confiança” constituíam-se em verdadeiros relógios que sinalizavam, por meio de suas melodias, a hora de levantar-se e de recolher-se, bem como as

horas destinadas ao trabalho e ao descanso (LANGE, 1965, p. 44). Sobre os toques do clarim, Rabello observa que eles também anunciavam a que horas as portas das lojas deveriam ser fechadas, bem como o momento que as visitas deveriam retornar para os seus respectivos lares. Nessas ocasiões, caracterizadas por ele como a “tirania das nove horas”, ouvia-se os ruídos provenientes das portas sendo cerradas e do contato dos calçados nas lajes:

Mas ouviu-se o sinal de nove horas pelas cornetas do quartel de polícia e, ao mesmo tempo, o ruído das portas que se fechavam.

- O quê! Nove horas! - exclamou a tia Julieta - vamos embora, meninas...

- Ainda é cedo! Ainda é muito cedo! - diziam os de casa.

Todos se levantaram, as moças se agasalhavam em suas capinhas de lã barata, dizendo ‘que não era cedo, que já eram nove horas’, o Antonico foi buscar o chapéu e o guarda-chuva a um canto, a tia Julieta despertou a mulatinha que acabara adormecendo, encostada ao piano, e começaram a fazer as despedidas.

- Precisamos nos emancipar da tirania das nove horas!  
- disse Paulo, repetindo a frase que de há muito fizera

para tais ocasiões. - Só aqui em Minas é que se vê este respeito pelas nove horas!

- Qual o quê, Paulo! É hora de dormir...

- Pois agora é que vou sair. Vou levá-las até a casa.

E todos desceram a escada com falatório alegre, ruidosamente.

Reuniram-se em baixo com o tio Batista que espera a família, conversando com Américo, e subiram a rua, fazendo ruído nas lajes do calçamento (RABELLO, 1970, p. 15).

Das sacadas das casas que, invariavelmente, abriam-se para as ruas, adentrava cotidianamente o forte tropel de ferraduras que feria metalicamente o silêncio do meio-dia. Do lado de fora, podia-se escutar a *Traviata*, entremeada com alguns trechos de outras óperas mais antigas que um cego arrancava de um realejo. Das ruas e becos, escutava-se a tosse do acendedor dos candeeiros de querosene.

Entretanto, não sabia o acendedor dos candeeiros que Diamantina não se permite ser vista, lida e amada tão somente pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado sinuoso de suas ruas e becos, mas, também, por sua polifonia composta de sons, ruídos e si-

lêncios que se apresentam como “textos” pelos quais pode-se “ler” tanto a cidade do presente como a cidade do passado. Ou como “partituras” escritas por sons, ruídos e silêncios que se interpenetram, opõem-se, excluem-se e complementam-se.

Por fim, diante das posições que, ao refletirem sobre a cidade, enfatizam a experiência do olhar em detrimento da audição, por vezes compartimentando-as e, por extensão, dispondo-as em campos opostos, deve-se refletir uma teoria completa do olhar (sua origem, sua atividade, seus limites, sua dialética) poderá coincidir com uma teoria do conhecimento e da expressão. Perante esta problemática, compete ao pesquisador observar que até mesmo uma filosofia empirista sabe que a coincidência de “olhar” e “conhecer” não pode ser absoluta, uma vez que o ser humano dispõe de outros sentidos que cotidianamente recebem informações que o sistema central reflete e traduz. Nesta perspectiva reflexiva, o vínculo tecido pela percepção visual com os estímulos captados pelos demais sentidos denota, por intermédio da fenomenologia do corpo, que o olhar encontra-se enraizado na corporeidade, enquanto sensibilidade e motricidade, portanto, ele não está isolado (BOSI, 2000, p.65-68).

Mediante esta abordagem, essas reflexões, de um

lado, possibilitam aos pesquisadores envolvidos com a temática das cidades pensá-las a partir das diferenças e do caráter complementar existente entre a visão, audição e os demais sentidos, pois que o cotidiano também pode ser, entre outras formas, apreendido por meio de sua sonoridade.

## REFERÊNCIAS

BORGES, V. R. Policarpo Quaresma e o Romantismo Anticapitalista. *Opsis* - Revista do Niesc - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Sociais, Catalão, v. 1, p 78-89, maio, 2001.

BOSI, A Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A (org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 65-87.

CITELLI, A. *Romantismo*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

COUTO, S. *Vultos e fatos de Diamantina*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1954.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

FERNANDES, A C. *Arautos da fé. Vida e obra de Dom João Antônio dos Santos e Dom Joaquim Silvê-*

*rio de Souza*. Diamantina: Arquidiocese de Diamantina, 2001. Mimeo.

LANGE, F. C. Os compositores na Capitania Geral das Minas Gerais. *Separata da Revista Estudos Históricos*, Marília: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, n. 3 e 4, 1965.

RABELLO, A. *O Hóspede*. Belo Horizonte: Littera Maciel/ Conselho Estadual de Minas Gerais, 1970.

SAINT-HILAIRE, *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SCHAFER, R. M. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1992.

SEVCENKO, N. *A literatura como missão: tensões sociais criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOUZA, J. M. de. *Cidade: momentos e processos. Serro e Diamantina na formação do Norte mineiro no século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1993.

*Artigo recebido em: 02/08/2010*

*Aprovado para publicação em: 09/09/2010*